

A CAPITANIA DE MATO GROSSO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E FONTES

THE CAPITAINCY OF MATO GROSSO: HISTORY, HISTORIOGRAPHY AND FONTS

Nauk Maria de Jesus

Universidade Federal de Grande Dourados

Correspondência:

UNIDADE II/ FCH/RODOVIA DOURADOS-ITAHUM, KM. 12. Caixa Postal - 533

CEP: 79.804-970 - Dourados – MS

E-mail: naukjesus@ufgd.edu.br

Resumo

Este artigo abordará alguns dos trabalhos sobre a história de Mato Grosso, no período colonial, desenvolvidos nas últimas décadas, bem como os textos dos cronistas setecentistas e fontes manuscritas, com o intuito de divulgar o que tem sido feito, já que muitas vezes esses trabalhos ficam restritos aos seus locais de produção.

Palavras-chaves: História; Historiografia; Mato Grosso colonial

Abstract

This article will discuss some of the works on the history of Mato Grosso, in the colonial period, developed in the last decades, as well as the texts of the cronistas setecentistas and manuscript fonts, in order to disseminate what has been done, since these often works are limited to their places of production.

KeyWords: History; Historiography; Mato Grosso colonial

Mato Grosso teve seu espaço colonizado na primeira metade do século XVIII, sendo o arraial e depois Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (atual cidade de Cuiabá) o ponto mais avançado até 1734, quando foram descobertas as minas na região do Guaporé. Essa vila teve sua origem com a descoberta do ouro nas lavras do Coxipó-Mirim, em 1719, tendo à frente de tal investida paulistas e reinóis. No ano de 1727 o arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1722) foi elevado à condição de vila e, nesse momento, pertencia à jurisdição da capitania de São Paulo. Em 1748 essa capitania teve sua circunscrição reduzida em função das fundações das capitanias de Mato Grosso e de Goiás. Embora tivesse uma vasta extensão territorial que totalizasse 48 mil léguas, a capitania de Mato Grosso era constituída por apenas dois distritos, o do Cuiabá e o do Mato Grosso, e suas respectivas vilas: Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1727) e Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), esta última fundada para ser sede de governo. Além delas, arraiais, povoados e edificações militares foram criados ao longo da linha de fronteira no decorrer do setecentos e somente em 1820 uma nova vila foi fundada: a Vila de Diamantino.

Capitania fronteira-mineira, Mato Grosso situava-se na região central do continente sul-americano, era habitada por uma diversidade de sociedades indígenas, tinha a mineração como atividade produtiva decisiva e estava localizada em área de fronteira com os domínios hispânicos, isto é, com as Províncias de Moxos e Chiquitos constituídas por inúmeras missões religiosas¹.

A história dessa capitania, mesmo com uma produção bem menor em comparação às áreas de mineração como as Minas Gerais², foi e tem sido objeto de interesse de vários pesquisadores estabelecidos em diferentes regiões do Brasil e fora do país. Considerando as atuais pesquisas sobre essa região e os limites deste artigo, optamos por dar visibilidade aos textos dos cronistas e aos trabalhos (algumas teses, dissertações e artigos) desenvolvidos nas últimas quatro décadas, com o objetivo de divulgar o que tem sido produzido na região, já que muitas vezes esses trabalhos têm ficado restritos aos seus locais de produção, mesmo em tempos de *internet* e de *domínio público*. Observamos que não temos a pretensão de dar conta de todas as obras e as reflexões apresentadas são menos analíticas e mais descritivas. Quanto às fontes impressas, faremos uma abordagem geral dos textos dos cronistas setecentistas pelo fato de terem sido fontes privilegiadas por certo período.

¹ JESUS, Nauk Maria. *Na trama dos conflitos. A administração na fronteira oeste da América portuguesa*. Tese (Doutorado em História), PPGH, UFF, Rio de Janeiro, 2006, p. 29.

² A respeito da historiografia mineira articulada às noções de império ver FURTADO, Junia Ferreira. "Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para o império marítimo português no século XVIII". In: SOUZA, Laura. de M. e S, FURTADO, Júnia. F. e BICALHO, Maria. F. B.(orgs.). *O governo dos povos*. São Paulo: Alameda, 2009.

É a História, mestra da vida e luz da verdade

Os cronistas setecentistas como José Barbosa de Sá, João Antonio Cabral Camello, Joaquim da Costa Siqueira, Filipe José Nogueira Coelho e José Gonçalves da Fonseca foram referências importantes para os trabalhos produzidos, sobretudo, até fins da década de 1990. As suas narrativas, além de trazerem informações significativas, elas próprias, assim como as trajetórias de seus autores, merecem ser analisadas, já que revelam modos de pensar e conceber o mundo no século XVIII. José Barbosa de Sá, por exemplo, considerado o primeiro cronista de Cuiabá, escreveu a *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até o presente e Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais (1769)*, sendo a primeira obra a mais discutida entre os estudos da História de Mato Grosso, pois nela foram narrados os acontecimentos ocorridos em Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá e seu termo. Além disso, as *Relações* serviram como base para a escrita dos *Anais do Senado da Câmara de Cuiabá*.

Segundo Carlos Alberto Rosa, José Barbosa de Sá, cujo local de nascimento é ignorado, parece ter se dirigido para o arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá à época de sua elevação à categoria de vila em 1727. Ele foi sertanista, observador oficial das missões e aglomerados hispânicos da parte ocidental do Guaporé, fiscal da Intendência dos Quintos no arraial de São Francisco Xavier, procurador do povo e advogado licenciado em Vila Real do Cuiabá³. Era casado com Joana Pires de Campos e teve dois filhos, José e Joaquim. De acordo com José Barnabé de Mesquita, Sá era parente do sargento da Companhia de fuzileiros Auxiliares João Pereira Passo d'Arcos, que ao ser nomeado tutor dos seus filhos órfãos declinou da função, com a alegação de que os oficiais e soldados não podiam servir os cargos da República, conforme o Despacho de 04 de novembro de 1775. José Barnabé de Mesquita indagou se seria este Passo d'Arcos, militar, irmão do frei José da Conceição Passo d'Arcos, religioso leigo e esmoler da Terra Santa, que auxiliou na construção da torre primitiva da Catedral, conforme depoimento do próprio Barbosa de Sá, em 1771. O autor apresentou os dados encontrados sobre os dois filhos de José Barbosa de Sá, na vida adulta, e provocou os interessados no tema a desenvolver pesquisas a respeito da família do cronista⁴, o que parece não ter dado resultado.

José Barbosa de Sá faleceu em 30 de maio de 1776 e seu inventário ficou inconcluso. Possuía três estantes e cento e vinte e três livros, entre grandes e pequenos, que foram arrematados em praça pública pelo Tenente Joaquim da Costa Siqueira, que também deixou importantes informações a respeito da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. Dentre os títulos predominavam os jurídicos, seguidos pelos de literatura, religião, história, política, educação e linguística. No entanto, no inventário de Siquei-

³ Carlos Alberto Rosa. *José Barbosa de Sá e Relação das povoações*. Cuiabá: UFMT, Mimeo, 1998.

⁴ MESQUITA, José Barnabé de. Joseph Barbosa de Sá. In: *Gente e coisas de antanho*. Coleção Cadernos Cuiabanos, n. 02. Cuiabá: Prefeitura de Cuiabá; Secretaria Municipal de Educação e Cultura: 1978, p. 136-137. Site: http://www.jmesquita.brtdata.com.br/1978_Gente%20e%20Coisas%20de%20Antanho.pdf acessado em 16/10/2012.

ra, de 1821, constavam registrados apenas uma estante e dezesseis livros da Escritura Sagrada⁵.

Nos últimos anos, a obra *Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais* (1769), de José Barbosa de Sá, foi analisada por Papavero, Teixeira, Figueiredo e Pujol-luz⁶; Christian Santos⁷ e Rafael da Silva⁸ na perspectiva da história natural e da análise das concepções de mundo do cronista. A partir das descrições e dos usos dos animais e plantas feitos por Barbosa de Sá, Nelson Papavero, Teixeira, Pujol-luz e Figueiredo consideraram que ele esteve no litoral do Rio de Janeiro e em partes das capitanias de São Paulo e Goiás, além de Mato Grosso. Assim, para esses autores, José Barbosa de Sá *depois de Gabriel Soares de Souza, foi o melhor autor a tratar da história natural do Brasil nos tempos coloniais. O autor descreveu cerca de 1.000 produtos dos três reinos da natureza. É extremamente veraz e fidedigno*⁹.

Uma cópia dos *Diálogos* está depositada na Biblioteca Pública do Porto, em Portugal, e outra, feita no século XIX, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro. A do Rio é dividida em duas partes. Na primeira, José Barbosa de Sá aborda os temas relativos à geografia física, etnias americanas e animais que foram trazidos para a América. Na segunda, composta por onze capítulos, o autor trata da descrição de animais, plantas e minerais¹⁰. Assim, as duas obras do cronista José Barbosa de Sá foram e têm sido lidas e apropriadas pelos pesquisadores de diferentes modos.

Se nas obras de José Barbosa de Sá, ora foram analisadas a sua escrita barroca, os fatos ocorridos em Vila Real do Cuiabá e seu termo, ora a fauna e flora; nas do cronista Joaquim da Costa Siqueira foram os relatos das festas ocorridas em Vila Real do Cuiabá que despertaram a atenção dos pesquisadores.

Joaquim da Costa Siqueira, autor do *Compêndio Histórico Cronológico das Notícias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso e das Crônicas do Cuiabá*, era natural de São Paulo, nascido entre 1740 e 1741. Casou em 1764, em São Paulo, com Dona Beatriz Leoniza do Amaral Gurgel, filha de Bento do Amaral da Silva e de Catarina Eufrásia. Teve um filho, Joaquim Mariano da Costa do Amaral Gurgel, que foi vigário em São João D'El Rei. Joaquim da Costa Siqueira foi morador em Vila Real do Se-

⁵ Idem. Op.cit. p. 137 e p. 143.

⁶ PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante; FIGUEIREDO, José L. de; PUJOL-luz, José R. Os capítulos sobre animais dos "*Dialogos geográficos, chronologicos, politicos e naturaes*" (1769) de Joseph Barboza de Sá e a primeira monografia sobre a fauna de Mato Grosso. *Arq. Zool.* vol.40 n.2, São Paulo,dez. 2009. <file:///C:/Users/User/Documents/Meus%20arquivos%20recebidos/Teses%20diversas/Nelson%20Papaver%20scielo.php.htm> acessado em 18/11/2012.

⁷ SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. *Uma Cosmologia do Novo Mundo: Os 'Dialogos Geograficos' de Joseph Barbosa de Sá no ano de 1769*. Tese (Doutorado), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

⁸ CAMPOS, Rafael D. da S. "*Que de autor basta eu...*": O mundo natural nos Diálogos Geográficos de José Barbosa de Sá. Dissertação (Mestrado em História). PPGH, UEM, Maringá, 2012.

⁹ PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante; FIGUEIREDO, José L. de; PUJOL-luz, José R. op.cit.

¹⁰ CAMPOS, Rafael D. da S. Op.cit., p. 19.

nhor Bom Jesus do Cuiabá e nela exerceu o cargo de vereador da câmara em 1786, capitão de cavalaria auxiliar e juiz das medições e demarcações das sesmarias¹¹.

Faleceu em 1821 e conforme seu inventário possuía nove escravos, além de móveis, prata, cobs e ferramentas, uma sesmaria no Cidral, confinando com a do capitão Gregório Maciel de Fontes e a de João Alexandre de Brito e outra na Cachoeira, confrontando com a do Cidral. Possuía ainda casa de morada na rua de Baixo. Em 1825 as sesmarias do Cidral e da Cachoeira foram arrematadas por Gregoria Maciel de Fontes e a casa pelo Capitão Joaquim Vieira e pelo sargento Francisco Manoel Vieira para ser demolida¹².

No prólogo do *Compêndio Histórico Cronológico das Noticias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso*, Joaquim da Costa Siqueira informou ao curioso leitor que a escrita do compêndio foi baseada nos *Anais do Senado da Câmara de Vila Real do Cuiabá* desde 1778 até o fim de 1817. No entanto, as suas informações se limitavam ao Cuiabá, já que as do Mato Grosso desconhecia e não tinha tido tempo de buscá-las. Incentivava a leitura do material, mesmo que o método adotado parecesse *fastidioso* ou com falta de erudição, pois ainda assim quem o lesse saberia das noticias *deste Novo Mundo, que certamente ignoras*. Por isso, não deveria o leitor se fazer Aristarco¹³. Joaquim da Costa Siqueira foi um dos vereadores a redigir os *Anais* da câmara de Cuiabá, compilando na década de 1780, com alterações, as informações de José Barbosa de Sá até os anos de 1765 e utilizando outras fontes. De 1766 a 1786, Siqueira foi o narrador exclusivo dos textos apresentados nos *Anais* da câmara de Cuiabá¹⁴.

Outro cronista que teve participação, mesmo que indireta, na produção dos *Anais* foi Filipe José Nogueira Coelho, que em carta dirigida ao governador da capitania Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em 1780, reafirmou a necessidade do registro dos fatos ocorridos em Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, bem como elogiou a iniciativa já existente na capital Vila Bela¹⁵. Nogueira Coelho nasceu em Vila Real, Arcebispado de Braga, se formou em Direito pela Universidade de Coimbra, na Faculdade de Cânones, era filho do Dr. Antonio Alvares Nogueira, que chegou a ser juiz de fora em Portugal, e de Dona Martha Jacinta Coelho. Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo e intendente e provedor da Real Fazenda da Capitania de Mato Grosso em 1776¹⁶. Ele escreveu a obra *Princípios de Direito Divino, público, uni-*

¹¹ MESQUITA, José Barnabé. Op.cit., págs. 139-143.

¹² Idem. Op.cit., págs. 140-142.

¹³ SIQUEIRA, Joaquim da Costa. *Compêndio Histórico Cronológico das Noticias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso*. Cuiabá: IHGMT, 2000, p. 6

¹⁴ ROSA, Carlos Alberto. Mínima história dos Anais. In: *Anaes do Senado da Câmara do Cuiabá* (Transcrição SUZUKI, Yumiko T.). Cuiabá: Entrelinhas; Arquivo Público de Mato Grosso, 2007, págs. 29 e 30.

¹⁵ Idem. Op.cit., p. 25.

¹⁶ Leitura dos Bacharéis. Ano 1757, maço 10, n. 34- ANTT. BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira. *Habilitações nas ordens militares. Séculos XVII a XIX. Ordem Cristo. Tomo I (A-f)*. Guarda-Mor, Edições de Publicações Multimédia Lda, 2008.

versal e das gentes, adotado pelas ordenações, leis, decretos e demais disposições do Reino de Portugal (1773), editada em Lisboa, com reedição acrescentada em 1777, e as *Memórias Cronológicas da Capitania de Mato Grosso Principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendência do Ouro* a mais lida.

Vamos nos ater a esta última. Nela o cronista tinha como objetivo contar a história da Provedoria da Fazenda Real e Intendência do Ouro, que por sinal, requer investigações a seu respeito, já que ela permite pensar a movimentação financeira na capitania de Mato Grosso. Segundo ele, o preceito geral dos Estatutos da Universidade de Coimbra prescrevia aos juristas a instrução da história, o que, portanto, justificava a escrita das *Memórias*. Não é à toa que ele iniciou as suas memórias com a frase: *É a História, mestra da vida e luz da verdade* (Estatutos da Universidade de Coimbra, Livro 1, cap. 1, tít. 5, §72)¹⁷.

Nogueira Coelho utilizou principalmente a documentação dos arquivos da provedoria e da intendência da capitania de Mato Grosso e alguns dos dados da *Relação* de José Barbosa de Sá. Nas *Memórias*, o cronista avançou e recuou no tempo, assim como em diversas passagens usou frases em latim, teve o cuidado de registrar os números dos livros e das páginas consultadas e se contrapôs a algumas das informações apresentadas por José Barbosa de Sá. No decorrer do texto, ele evocou o direito natural, os Estatutos da Universidade de Coimbra e personagens a título de exemplo ou de comparação. Alexandre Magno, Dario, Dionísio, Aristóteles e Cleópatra são alguns dos que passeiam pela erudita obra *Memórias* de Nogueira Coelho, assim como Roma, Vesúvio e Etna.

Do setecentos ainda destacamos as oito *Notícias Práticas*, que faziam parte de um conjunto de narrativas setecentistas recolhidas pelo padre matemático jesuíta Diogo Soares. Segundo Thereza Martha Pressotti, que em sua tese de doutorado analisou esses textos, ele e o padre Domingos Capacci tinham como instrução do rei, D. João V, fazer a descrição geográfica de todo o Estado do Brasil para a elaboração do *Atlas da América portuguesa*. De acordo com a autora, as *Notícias Práticas* podem ser traduzidas como *o conhecimento ou informações a respeito das Minas do Cuiabá, dadas a conhecer por homens experientes nas conquistas dessas minas*. Dentre elas estão as duas notícias de João Antonio Cabral Camelo, que escreveu uma única narrativa de sua viagem de ida e volta às minas do Cuiabá; no entanto, na coleção do padre Diogo Soares elas foram apresentadas em duas *Notícias* com numeração e titulação diferentes¹⁸.

Pouco se sabe sobre João Antonio Cabral Camelo - que parece ter nascido em Sorocaba -, cujo perfil era de um *sertanista comerciante* que tinha o objetivo de enriquecer nas Minas do Cuiabá. Ele partiu em direção a elas em 1727 com três canoas e qua-

¹⁷ COELHO, Filipe José. *Memórias Cronológicas da Capitania de Mato Grosso Principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendência do Ouro*. *Revista trimestral de História e Geografia*. Tomo XIII, IHGB, 1850, p. 138.

¹⁸ PRESSOTTI, Thereza Martha. A natureza dos rios nas *Notícias Práticas das Minas de Cuiabá*: a trilha das águas nos Pantanaís do centro da América do Sul. *TEXTOS DE HISTÓRIA*, vol. 17, n° 1, 2009. seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/download/1712/1330 acessado em 18/10/2012, págs. 107-132.

torze negros. Nela viveu dois anos e meio e retornou a São Paulo em 15 de maio de 1730 na monção do ouvidor Lanhas Peixoto, ocasião em que a tripulação foi atacada pelos índios Payaguá, que resultou na morte do ouvidor. Em suas *Notícias* é possível acompanhar os preços dos mantimentos, as roças existentes nos caminhos, bem como o relato do ataque dos Payaguá à monção no ano de 1730. Ao final do texto, ele revelou a sua decepção com as minas, já que nela contraiu dívidas, perdeu canoas e escravos¹⁹.

Quanto a José Gonçalves da Fonseca escreveu a *Noticia da Situação de Mato Grosso e Cuiabá: estado de umas e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes por José Gonçalves da Fonseca*²⁰. Seu diário e a parte cartográfica têm sido discutidos nos últimos anos por Mario Clemente Ferreira, André Ferrand Almeida e Thiago Kramer²¹.

Ao mencionar esses cronistas não esgotamos as possibilidades de textos setecentistas possíveis de serem analisados, pelo contrário, apontamos para a necessidade de não os deixarmos no ostracismo, já que são apenas algumas das chaves que nos permitem adentrar no universo colonial mato-grossense, a partir de novas ou velhas perguntas. Eles podem nos levar a outros caminhos e não se bastam, assim como os *Anais do Senado da Câmara do Cuiabá* e os *Anais de Vila Bela*²². Os *Anais* e os temas neles a serem pesquisados merecem ser articulados a outros documentos, pois, como dito acima, os do senado da câmara de Cuiabá, por exemplo, tiveram como base para a sua escrita as *Relações* de José Barbosa de Sá, mas ainda assim, algumas das informações deste cronista sofreram alterações. Ou seja, as informações dos *Anais* foram filtradas, sendo uma das versões do fato.

Por esses motivos, as informações apresentadas pelos cronistas e pelos *Anais* merecem ser cotejadas com outras tipologias documentais para melhor análise do processo histórico.

¹⁹ PRESSOTTI, Thereza Martha B. *Na trilha das águas: índios e natureza na conquista colonial do centro da América do Sul: sertões e minas do Cuiabá e Mato Grosso, século XVIII*. Tese (Doutorado em História), PPGH, UNB, Brasília, 2008, págs. 141 e 142.

²⁰ FONSECA, João G. da. *Noticia da Situação de Mato Grosso e Cuiabá: estado de umas e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes por José Gonçalves da Fonseca* in R.I.H.G.B., Tomo XXIX, Rio de Janeiro, 1866, págs. 352-361.

²¹ Dentre os textos desses autores a respeito de João Gonçalves e a cartografia ver FERREIRA, Mario Clemente. Cartografar o sertão. A representação de Mato Grosso no século XVIII. Texto apresentado no *II Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*, Lisboa, 2007. ALMEIDA, André F. A viagem de José Gonçalves da Fonseca e a cartografia do rio Madeira (1749-1752). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.17. n. 2. p. 189-214 jul.-dez., 2009. OLIVEIRA, Thiago K. de. Por uma cartografia da conquista. Espacializações portuguesas no centro da América do Sul (1718-1752). Texto apresentado no *I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, Paraty, 2011. www.ufmg.br/rededemuseus/.../OLIVEIRA_TIAGO_KRAMER.pdf acessado em outubro de 2012.

²² *Anaes do Senado da Câmara do Cuiabá* (Transcrição: SUSUKI, Yumiko T.). Cuiabá: Entrelinhas; Arquivo Público de Mato Grosso, 2007. AMADO, Janaina e ANZAI, Leny C. (orgs.). *Anais de Vila Bela – 1734-1789*. Cuiabá: Carlini & Caniato: EdUFMT, 2006. Cuiabá: Entrelinhas. Arquivo Público de Mato Grosso, 2007.

Dos cronistas a produção do século XX

Saindo da fase dos cronistas, saltando o século XIX e adentrando no XX, grosso modo, podemos dividir a historiografia mato-grossense sobre o período colonial em três momentos: a) antes da década de 1970; b) entre as décadas de 1970 e 1990; d) pós 2000. Na primeira fase encontramos os trabalhos publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso²³.

Já nos idos de 1970, quando os cursos de graduação em História foram fundados no Estado de Mato Grosso, dentre eles na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), parte de seus professores iniciaram a revisão da história regional e deram início às suas pós-graduações na Universidade de São Paulo (USP). Nessa década, Fernando Novais defendia a sua tese *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*²⁴, em que analisava o sentido mercantil da colonização, o exclusivo metropolitano e a relação entre a metrópole e a colônia. Como apontou Maria Fernanda Bicalho:

... embora atente aos aspectos políticos e administrativos da América portuguesa, trata-se de uma vertente historiográfica que, de cunho sistêmico, estrutural e marxista, relegou a um plano subordinado a tessitura das redes de poder, interesses, parentesco e negócios entre o centro e as várias regiões do ultramar português, cuja análise torna-se fundamental para a configuração dinâmica de escopo imperial²⁵.

Regionalmente, nas décadas de 1970 e 1980, muito precisava ser investigado e a maioria das pesquisas teve como base a tese do *antigo sistema colonial*. Elas objetivavam compreender as questões econômicas e os estudos, com recortes cronológicos distintos, tiveram a preocupação com o rigor metodológico e com as fontes. Em meio a essas discussões, na década de 1970, chegou a Cuiabá Carlos Francisco Moura, que produziu diversos trabalhos relativos a Mato Grosso no período colonial. Indígenas, tea-

²³ Destacamos os trabalhos de Virgílio Corrêa Filho e José Barnabé de Mesquita, que vasculharam os acervos e tiveram a preocupação de indicar a localização das fontes utilizadas. CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1994. MESQUITA, José Barnabé. Op.cit.

²⁴ NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1983.

²⁵ BICALHO, Maria Fernanda B. Da Colônia ao Império: um percurso historiográfico. In: SOUZA, Laura de Mello e S.; FURTADO, Júnia F.; BICALHO, Maria Fernanda B. (Orgs.). *O Governo dos Povos. Relações de Poder no Mundo Ibérico na Época Moderna*. São Paulo: Alameda Editorial, 2009, p. 93. A respeito dos debates sobre o império português e o antigo sistema colonial ver SOUZA, Laura de M. *O sol e a sombra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. FRAGOSO, João e GOUVEA, Maria de F. *Na Trama das Redes: Política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. LARA, Silvia H. Conectando historiografias. A escravidão africana e o Antigo Regime na América portuguesa. In: BICALHO, Maria Fernanda e FERLINI, Vera Lúcia A. (orgs.). *Modos de Governar: ideias e práticas políticas no império português, séculos XVI a XIX*. São Paulo: Alameda, 2005.

tro, médicos e arquitetura²⁶ foram alguns dos temas abordados por esse arquiteto, que transcreveu textos de algumas peças teatrais encenadas em Vila Real do Cuiabá e publicou a rica *Crítica das festas* escrita pelo ouvidor Diogo de Toledo Lara Ordonhez em 1790²⁷.

Da mesma maneira, nessa década foi publicada a obra de Gilberto Freyre sobre o governador Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres²⁸ e defendida a tese de David Michel Davidson, não publicada em português, e pouco referenciada nos trabalhos regionais, apesar da instigante discussão proposta. Este autor teve como objetivo estudar a formação territorial do Brasil e a integração colonial no século XVIII, a partir da rota fluvial Guaporé-Mamoré-Madeira. Com base num amplo levantamento documental, o autor analisou o período anterior ao uso dessa rota, assim como o momento em que ela se destacou e o seu declínio. Nessa direção, para ele o processo de expansão da fronteira oeste não partiu apenas de iniciativas dos impérios coloniais (Portugal e Espanha), mas também de paulistas, mineradores, comerciantes de Cuiabá e jesuítas das missões de Moxos e Chiquitos²⁹.

Na década de 1980, Luiza Rios Ricci Volpato defendeu a sua dissertação de mestrado, *A conquista da terra no universo da pobreza*³⁰, tendo como base a tese do antigo sistema colonial e as argumentações de Alcir Lenharo³¹. O trabalho de Luiza Volpato teve grande repercussão em parte da historiografia regional, pois a autora chamava atenção para a carência de trabalhos sobre a história de Mato Grosso, bem como para a permanência de duas explicações “mitológicas”. A primeira, assentada no passado faustoso vivido pela região durante o período colonial; a segunda, de que os problemas nela enfrentados estavam relacionados ao isolamento, que teria impedido o local de acompanhar o ritmo de crescimento de outras localidades brasileiras. A autora se contrapôs a essas duas abordagens e teve como objetivo compreender a decadência da

²⁶ MOURA, Carlos F. D. *Antonio Rolim de Moura - Primeiro Conde de Azambuja*. Cuiabá: UFMT, 1982; *Arraial do Cuiabá, Vila Real do Senhor Bom Jesus (1719-1727)*. Cuiabá, 1979. MOURA, Carlos F. *Os Payaguás, "índios anfíbios" do Rio Paraguai*. MOURA, Carlos F. *Médicos e cirurgiões em Mato Grosso no século XVIII e início do XIX*. Dados sobre a produção do autor no site: <http://revistalufonia.wordpress.com/carlos-francisco-moura/> acessado em 05/11/2012.

²⁷ Ver a *Crítica das festas* em MOURA, Carlos Francisco. *O Teatro em Mato Grosso do Século XVIII*. UFMT/Belém/SUDAM, 1976. Sobre o teatro em Mato Grosso consultar ainda LOTT, Alcides Moura. *Teatro em Mato Grosso*. Veículo da dominação colonial. São Paulo/UFMT, 1986.

²⁸ FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia*. O exemplo de Luis de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII. Cuiabá: Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.

²⁹ DAVIDSON, David Michel. *Rivers & Empire*. The Madeira route and the incorporation of the Brazilian far west, 1737-1808. Tese de Doutorado em História, Yale University, 1970. As ideias centrais da tese foram publicadas em DAVIDSON, David Michel. “How the Brazilian west was won: freelance & state on the Mato Grosso frontier, 1737-1752. In: Dauril Alden. *Colonial roots of modern Brazil*. Berkeley, University of Califórnia, 1973.

³⁰ VOLPATO, Luiza R.R. *A Conquista da terra no universo da pobreza: a formação da fronteira oeste do Brasil*. São Paulo: Hucitec: Brasília: INI, 1987.

³¹ LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente Oeste de colonização*. Cuiabá: Imprensa Universitária: UFMT: PROEDI, 1982.

mineração e como a população reagiu à crise e buscou alternativas para superá-la na capitania de Mato Grosso.

Para tanto, ela recolocou o debate sobre a fronteira e o relacionamento com as populações indígenas e ao perceber *o intercâmbio entre as fronteiras* ibéricas –aspecto tão bem analisado em sua obra –evidenciou como a proximidade com os domínios hispânicos norteou a constituição da sociedade colonial na fronteira oeste. Além disso, a sua obra lançou *flashes* para temas como o da militarização, da ausência do urbano, das festas, das doenças, problematizados anos depois a partir de outras leituras, como veremos.

No entanto, o aspecto mais ressaltado e também criticado de sua obra é o argumento de que Mato Grosso se constituiu como um antemural da América portuguesa, marcado pela itinerância, pela extrema pobreza, fome, doenças e belicosidade. Considerando a sua localização e essas características, para Luiza Volpato *a organização do governo da Capitania assumiu características militares impostas pela sua condição de fronteira*³². Condição que levou a edificação de fortalezas e presídios militares no último quartel do século XVIII e a convocação de homens das camadas baixas da sociedade, mesmo que não fossem militares, a atuar na defesa em diferentes momentos daquele século³³. Fato é que diante da obra de Luiza Volpato nos deparamos com uma sociedade marcada pela militarização e pelas dificuldades impostas por sua condição de fronteira, em que os moradores sobreviviam às duras penas.

Esses argumentos foram questionados, sobretudo, por Elmar Figueiredo Arruda (1987) e Carlos Alberto Rosa³⁴ (1996). Elmar Figueiredo Arruda, ao procurar compreender a formação do mercado interno em Mato Grosso entre os anos de 1719 e 1800, fez ponderações à obra de Luiza Volpato e problematizou a ideia de *crise constante, permanente, ditada pela decadência da mineração* e a queda da produção. Para o autor não houve decadência na produção aurífera no período por ele estudado, mas uma aplicação do excedente acumulado na mineração em outras atividades econômicas, se não rentáveis, ao menos estáveis³⁵.

Já Carlos Alberto Rosa, ao defender a existência do urbano, debateu as noções de itinerância e pobreza/miséria defendidas por Luiza Volpato. Segundo ele, nesses termos ficava:

... difícil entender de onde retiraria essa população condições, não só instrumentais, mas inclusive biológicas, para manter-se em permanente itinerância. As duas categorias explicativas, itinerância e miséria,

³² VOLPATO, Luiza R. R. Op.cit. p. 147.

³³ Idem. Op.cit., p. 40.

³⁴ ARRUDA, Elmar Figueiredo de. *Formação do mercado interno em Mato Grosso*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, PUC, São Paulo, 1987. ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá*. Vida urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808. 1998. Tese (Doutorado em História), PPGHS, USP, São Paulo, 1996.

³⁵ ARRUDA, Elmar Figueiredo. Op.cit., p. 47.

similares as de Correa – referência ao trabalho de Walmir Batista Corrêa³⁶ -.... revelam-se válidas pelo que são: limites³⁷.

Para o autor, limites que impediam compreender a constituição da sociedade que se formou na região no século XVIII. Por essa razão, ele buscou movimentos outros, percebendo a dinâmica criada pela população estabelecida em Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá e seu termo. Com base na tese do *antigo sistema colonial*, Carlos Alberto Rosa analisou a vida urbana em Vila Real do Cuiabá e trouxe à cena os indivíduos e as manifestações de urbanidade visualizadas por meio do aparato administrativo, das propriedades rurais e urbanas, das festas, das irmandades, das ações tidas como profanas, entre outros.

Em suas aulas de *História e historiografia de Mato Grosso*, no curso de graduação em História na UFMT, Carlos Alberto Rosa procurava destacar as diferentes análises históricas a respeito da *terra da conquista*. Expressão, esta, utilizada por ele para denominar o grupo de pesquisa que coordenava e estudava a história de Mato Grosso colonial. Ao mesmo tempo era uma inversão ao título da obra de Luiza Volpato, *a conquista da terra*. Segundo ele, uma *homenagem*, que visava reforçar a presença de inúmeros povos indígenas na região e o processo de conquista efetivado por diferentes sujeitos históricos. Aliás, resenhas a respeito dos cronistas, trechos de documentos e textos críticos foram elaborados e disponibilizados por ele aos discentes para instrumentalizar as suas aulas. Infelizmente, eles não estão publicados e nem dispomos do conjunto completo desse material.

A partir de suas pesquisas e discussões, aspectos relativos ao cotidiano das vilas e seus termos passaram a ser investigados e evidenciaram facetas do urbano e do rural que as teses da decadência da mineração e da miséria encobriam. Isto provocou um gradativo afastamento de alguns dos trabalhos da tese de Luiza Volpato e os primeiros resultados dessas discussões fomentadas por Carlos Alberto Rosa foram publicados em 2003 no livro *A terra da conquista: História de Mato Grosso colonial*³⁸.

Em fins da década de 1980 e no decorrer da de 1990 foram defendidas as dissertações de Edvaldo de Assis e de Denise Maldí Meirelles e as teses de Otávio Canavarros, de Jovam Vilela da Silva e de Maria de Fátima Costa. A obra de Denise Maldí Meirelles foi inovadora por analisar a região do Guaporé e as relações entre indígenas e religiosos castelhanos por meio da fronteira³⁹. Por sua vez, Otávio Canavarros retomou o clássico tema da história política-administrativa e, podemos dizer, foi o primei-

³⁶ CORRÊA, Walmir B. *Mato Grosso: 1817-1840 e o papel da violência no processo de formação e desenvolvimento da Província*. São Paulo. Dissertação (Mestrado), PPGH, Departamento de História, FFLCH, USP, 1976.

³⁷ ROSA, Carlos Alberto. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá...* p. 15.

³⁸ ROSA, Carlos Alberto e JESUS, Nauk Maria de. *A terra da conquista*. História de Mato Grosso colonial. Cuiabá: Editora Adriana, 2003.

³⁹ MEIRELES, Denise Maldí. *Guardiães da fronteira*: Rio Guaporé, século XVIII. Petrópolis: Vozes, 1989.

ro a ensaiar o diálogo com a historiografia portuguesa recente, embora acatasse as noções do exclusivo metropolitano. Ele analisou a instalação do poder régio no extremo oeste, atentando-se para o papel da superintendência e intendência do ouro, dos governadores, dos ouvidores, bem como para os conflitos jurisdicionais e o processo de expansão da fronteira. Porém, não considerou as discussões sobre as elites da terra, do pacto, dos poderes locais, em especial as câmaras, inclusive dando pouco valor a atuação destas⁴⁰.

Jovam Vilela, com base nos referenciais e metodologias da história demográfica, discutiu a política de povoamento adotada na capitania de Mato Grosso⁴¹. Nessa perspectiva, anteriormente, Edvaldo de Assis fez um cuidadoso levantamento e análise dos mapas populacionais existentes⁴². Maria de Fátima Costa abriu uma nova perspectiva de análise na historiografia regional, voltada para a discussão dos relatos de viajantes, da cartografia e das representações, em especial, do pantanal, entre os séculos XVI e XVIII⁴³.

Se as primeiras pesquisas da década de 1970 e começo de 1980 possuem o mérito de tentar compreender a história de Mato Grosso e, sobretudo, trazê-la para o debate acadêmico com a valorização da pesquisa documental e com o rigor metodológico, iniciando a profissionalização da área, os da década de 1990 contribuíram para a ampliação dos temas de pesquisas e das problemáticas fundamentadas na história social e cultural, principalmente, após 1999, com a criação do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Mato Grosso (PPGH/UFMT). Mudanças e revisões, talvez tardiamente, influenciadas pela inserção de novos métodos, abordagens e temas na pesquisa histórica desenvolvida no Brasil desde fins da década de 1970.

Assim, de modo geral, os trabalhos mencionados formaram a nosso ver seis grandes eixos de pesquisas que tiveram desdobramento, alguns mais, outros menos, nas dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGH/UFMT) e podem ser observados nos demais trabalhos desenvolvidos em outras instituições: a) urbanização e práticas cotidianas; b) demografia e política de povoamento; c) imagens e representações; d) política e administração; e) atividades econômicas; f) história indígena.

⁴⁰ CANAVARROS, Otávio. *O poder metropolitano em Cuiabá e seus objetivos geopolíticos no extremo oeste (1727-1752)*. Tese (Doutorado em História), PPGHS, USP, São Paulo, 1998.

⁴¹ SILVA, Jovam Vilela da. *Mistura de cores*. Política de povoamento e população na capitania de Mato Grosso. Cuiabá: Editora da UFMT, 1995.

⁴² ASSIS, Edvaldo de. *Os mapas de habitantes de Mato Grosso (1768-1872)*. Guia de pesquisa. São Paulo. Dissertação (Mestrado) Departamento de História, FFLCH, USP, 1994.

⁴³ COSTA, Maria de Fátima Costa. *História de um país inexistente*. O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999. COSTA, Maria de Fátima (Org.). *Percorrendo manuscritos: entre Langsdorff e D'Alincourt*. Cuiabá; Editora Universitária, 1993; COSTA, Maria de Fátima e DIENER, Pablo. *Viajando nos bastidores: documentos de viagem da Expedição Langsdorff*. Cuiabá: EdUFMT, 1995.

A historiografia recente sobre Mato Grosso colonial

Mais de vinte dissertações foram defendidas entre os anos de 2000 e 2010 no PPGH/ UFMT e, de modo geral, trouxeram à tona aspectos que estavam silenciados. Pesquisadores estabelecidos em outros estados brasileiros estudaram essa região fronteira-mineira, embora, muitos deles infelizmente não façam referências ao que tem sido produzido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, deixando a impressão que tudo está por ser pesquisado. Além disso, egressos do mestrado da UFMT e demais professores e técnicos dessa e de outras universidades do estado de Mato Grosso saíram para cursar o doutorado em outras instituições de ensino do país. Esses trabalhos, ora se aproximando em certos momentos das teses da decadência, da itinerância e do antemural, ora se afastando completamente delas, têm permitido repensar a formação e a consolidação dessa área fronteira-mineira.

As distinções entre o distrito do Mato Grosso e o do Cuiabá, bem como entre suas respectivas vilas e termos, Vila Bela e Vila Real do Cuiabá, passaram a ser contempladas e algumas das pesquisas recentes romperam com certa ideia de homogeneidade ambiental, econômica e política e com generalizações que servissem para a toda capitania. As comunicações estabelecidas por cada distrito, por exemplo, têm sido consideradas, já que são importantes para a compreensão da experiência histórica da região. O Mato Grosso, onde estava localizada a capital Vila Bela, mantinha maiores conexões com o Grão-Pará; e o Cuiabá, onde estava a Vila Real do Cuiabá, com Rio de Janeiro e São Paulo, e esses vínculos consolidaram políticas, práticas e grupos algumas vezes distintos entre si. Nesse universo, não podemos perder de vista que Vila Bela e Vila do Cuiabá eram polos de poder.

Nessa direção, Carlos Alberto Rosa fez algumas ponderações, dentre elas a de que não é possível ignorar as diferenças entre os distritos do Cuiabá e do Mato Grosso, geridas por políticas de colonização diferenciadas⁴⁴. Políticas essas notadas na constituição dos ambientes urbanos; o que nos leva, portanto, aos trabalhos que podem ser inseridos no eixo urbanização e práticas cotidianas, embora, sem dúvida, alguns estabeleçam diálogos com outras perspectivas de análises.

Fundações de vilas, povoados e edificações militares ganharam destaque nas dissertações defendidas no PPGH/UFMT⁴⁵. Dentre elas, a de Suelme Evangelista Fernandes que analisou uma edificação militar plantada nos limites da fronteira com os domínios hispânicos: O Real Forte Príncipe da Beira. Com base em ampla documen-

⁴⁴ ROSA, Carlos Alberto, Op.cit. Introdução.

⁴⁵ OLIVEIRA, Edevamilton. *A povoação regular de Casalvasco e a fronteira oeste do Brasil colônia (1783-1802)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, ICHS, UFMT, Cuiabá, 2003. DA SILVA, João Bosco. *Vila Bela à época de Luis de Albuquerque (1772-1789)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, ICHS, UFMT, Cuiabá, 2003. MORAES, Maria de Fátima L. *Vila Maria do Paraguai: um espaço planejado para consolidar a fronteira oeste (1778-1801)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, ICHS, UFMT, Cuiabá, 2003. REIS, Rosângela M. S. *A Nova Povoação de Albuquerque: estratégia de conquista na fronteira oeste da América Portuguesa (1778-1800)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, ICHS, UFMT, Cuiabá, 2003.

tação manuscrita, guardada no Arquivo Público de Mato Grosso, o autor discutiu a construção do forte e o seu cotidiano, evidenciando que ele foi erguido com o objetivo de proteger a fronteira e de armazenar os produtos comercializados na rota Guaporé/Amazonas pela Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará, sendo que ele serviria como entreposto para a prática do contrabando. Por mais que não realizasse um estudo específico sobre a organização militar, ele teve a preocupação de identificar as companhias existentes no interior do forte, bem como as patentes militares⁴⁶. A história militar, por sinal, é um campo fértil para pesquisa e a documentação guardada no Arquivo Público de Mato Grosso permite diferentes incursões nesse tema⁴⁷.

Ainda, no tocante a análise do urbano, destacamos os trabalhos de Renata Malcher Araújo e Roberta Marx Delson. No final da década de 1980 foi publicada em português a dissertação de Roberta Marx, que discutiu a urbanização no Brasil e deu destaque a Vila Bela da Santíssima Trindade⁴⁸. Em artigo publicado em 2002, a autora problematizou a existência do grandioso plano urbano esboçado para a vila-capital da capitania de Mato Grosso, a sua existência física no século XVIII e a utilização de fontes “não tradicionais” na análise histórica. No caso, as fotografias de Rondon e o desenho do viajante Francis Castelnau. A partir dessas fontes, ela considerou que Vila Bela foi um “projeto em andamento” terminado após várias décadas. Para a autora, no governo de Luis de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres ela se tornou a “mini-versailles” que os portugueses desejavam⁴⁹.

Por sua vez, Renata Malcher Araujo, em sua tese defendida em 2000 na Universidade Nova de Lisboa, analisou o processo de urbanização na capitania de Mato Grosso, no século XVIII, examinando o discurso que o fundamentou e o método utilizado para a sua concretização. Sua tese é constituída por dois volumes e dividida em onze capítulos que procuram abarcar três grandes questionamentos: fronteira, território e criação urbana⁵⁰. Esse material não foi publicado e é praticamente inédito em Mato Grosso.

Sobre as práticas e os sujeitos históricos, as pesquisas trouxeram dados que evidenciaram um cotidiano dinâmico, nem sempre marcado pela carestia. Festas e celebrações, práticas alimentares, aulas e trajetórias foram alguns dos temas analisa-

⁴⁶ FERNANDES, Suelme Evangelista. *O Forte Príncipe da Beira e a fronteira noroeste da América portuguesa (1776-1796)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, ICHS, UFMT, Cuiabá, 2003.

⁴⁷ A respeito da história militar em Mato Grosso ver JESUS, Nauk Maria de. Para uma história da organização militar na capitania de Mato Grosso. In: POSSAMAI, Paulo (org.). *Conquistar e defender: Portugal, Países Baixos e Brasil. Estudos de História Militar na Idade Moderna*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2012.

⁴⁸ DELSON, Roberta Marx. *Novas vilas para o Brasil colônia*. Brasília: Edições Alva, CIORD, 1988.

⁴⁹ DELSON, Roberta Marx Delson. Versailles em Guaporé. A evidência visual do passado glorioso de Vila Bela. *Varia História*. Revista de História do Departamento de História, PPGH, FFCH, UFMG, Belo Horizonte. N. 30, julho 2003, pp. 13-36.

⁵⁰ ARAUJO, Renata. *A urbanização do Mato Grosso no século XVIII: discurso e método*. Tese (Doutorado em História da Arte), FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000.

dos⁵¹. Nessa seara, os trabalhos desenvolvidos por Nauk Maria de Jesus⁵², Leny Caselly Anzai⁵³ e Marina Azen⁵⁴ trouxeram à tona os cuidados com o corpo, os oficiais de cura, as concepções de saúde e doença na capitania de Mato Grosso, como que uma retomada dos estudos de Carlos Francisco Moura sobre os médicos e os cirurgiões, mencionados anteriormente.

Da mesma maneira, surgiram as pesquisas sobre a escravidão e a história da igreja, das religiões e das religiosidades⁵⁵, embora o primeiro não tenha atraído grande número de interessados. Dentre os trabalhos sobre a escravidão, o de Monique Lordelelo discutiu as fugas, as capturas, a formação de quilombos e a passagem de escravos residentes em solo lusitano para o lado castelhano, no período de 1748 a 1796⁵⁶. De outras paragens, destacamos a tese de doutorado de Luiz Cláudio Pereira Symanski que transita entre os tempos históricos e se respalda na antropologia, na história e na arqueologia para compreender a escravidão nos engenhos de Chapada dos Guimarães⁵⁷.

⁵¹ SILVA, Gilian Evaristo França. *Festas e celebrações em Vila Bela da Santíssima Trindade no século XVIII*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2008. GOMES, Masília Aparecida da Silva. *Produção agrícola e práticas alimentares na fronteira oeste: Vila Bela da Santíssima Trindade*. 2008. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2008. ALENCAR, Luzinéia Guimarães. *Misturando sabores: A alimentação na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1727-1808)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2002. BRÊTAS, Márcia Maria Miranda. “Ler, Escrever e Contar: Considerações sobre as práticas de Ensino na Capitania de Mato Grosso”. In: ROSA, Carlos Alberto e JESUS, Nauk Maria de (Orgs.). *Terra da Conquista*. História de Mato Grosso colonial. Cuiabá: Editora Adriana, 2003. DOMINGOS, Flávia Kurunczi. *Matemática a serviço do Império: a trajetória do demarcador Antônio Pires da Silva Pontes Leme (1777-1790)*. Cuiabá: UFMT/PPGHIS. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2008.

⁵² JESUS, Nauk Maria de. *Saúde e Doença: práticas de cura no Centro da América do Sul (1727-1808)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2001.

⁵³ ANZAI, Leny Caselli. *Doenças e práticas de cura na Capitania de Mato Grosso: o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Tese (Doutorado em História), PPGH, UnB, Brasília, 2004.

⁵⁴ AZEM, Marina. *As agruras dos trópicos: a arte de curar em Mato Grosso no século XVIII*. Cuiabá: Entrelinhas, 2009.

⁵⁵ SILVA, Cristiane dos Santos. *Irmãos de fé, irmãos no poder: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1751-1819)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2001. LACERDA, Leilla Borges. *A Igreja Católica na Cuiabá Colonial: da primeira capela à chegada do primeiro bispo (1722-1808)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2001. NOLASCO, Simone. *As devoções na Vila do Senhor Bom Jesus do Cuiabá - o culto aos padroeiros - 1737-1808*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2002. CORBALAN, Kleber. *A Igreja Católica na Cuiabá Colonial: da primeira capela à chegada do primeiro bispo (1722-1808)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, Cuiabá, UFMT. SÁ JUNIOR, Mario T. *Malungos do sertão: cotidiano, práticas mágicas e feitiçaria no Mato Grosso setecentista*. Tese (Doutorado em História), PPGH, ASSIS, UNESP, 2008.

⁵⁶ LORDELELO, Monique C. de S. *Escravos negros na fronteira oeste da capitania de Mato Grosso*. Fugas, capturas e formação de quilombos (1748-1796). Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2010. Ver ainda CAMPOS, Maria Auxiliadora de Arruda. *Escravidão urbana: cotidiano e rupturas Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá - século XVIII*. Cuiabá: UFMT/PPGHIS. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2009.

⁵⁷ SYMANSKI, Luís C. P. *Slaves and planters in Western Brazil: material culture, identity and power*. Tese (Doutorado), Gainesville, University of Florida, 2006.

No campo da história das religiosidades, Cristiane dos Santos Silva apontou as diferentes etnias dos cativos e forros pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Vila Real do Cuiabá, seu objeto de análise. Mesmo procedimento adotou Maria Amélia Crivelente, cujo trabalho se insere nos estudos da história da família⁵⁸.

Desdobrando-se das análises do urbano e focando a ruralidade, estão os trabalhos de Vanda da Silva e Thiago Kramer de Oliveira. A primeira, com base nos maços referentes aos processos de sesmarias, discutiu a política de ocupação territorial empreendida pela Coroa portuguesa, os conflitos surgidos em torno do direito de ocupar a terra e quem eram os sesmeiros⁵⁹. O segundo analisou a formação e a reprodução de ambientes rurais no contexto das conquistas portuguesas no centro da América do Sul, entre 1716 e 1750. Ao articular a produção rural não apenas ao mercado local, mas ao *mercado interno do Brasil colonial e à economia-mundo, articulações estas mediadas pelo sistema colonial moderno* Thiago K. de Oliveira circunscreveu o seu trabalho no campo de uma história econômica⁶⁰, também com pouca repercussão nas pesquisas desenvolvidas sobre Mato Grosso colonial⁶¹ nos últimos anos, assim como a história indígena⁶².

Thereza Martha Pressotti, que em seu mestrado analisou a mentalidade da conquista em relação às minas do Cuiabá, na primeira metade do setecentos⁶³, em sua tese de doutorado, já mencionada, incorporou os recursos teóricos e metodológicos da história ambiental e ampliou o foco de sua análise com o objetivo de compreender as percepções dos conquistadores, do século XVIII, acerca dos povos indígenas e da natureza⁶⁴. Também nesse viés de análise, Loiva Canova, em sua dissertação de mês-

⁵⁸ SILVA, Cristiane dos S. Op.cit., 2001. CRIVELENTE, Maria Amélia. *Casamentos de escravos africanos em Mato Grosso - um estudo sobre Chapada dos Guimarães (1798-1830)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2001.

⁵⁹ SILVA, Vanda da. *Administração das terras: a concessão de sesmarias na capitania de Mato Grosso (1748-1823)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2008.

⁶⁰ OLIVEIRA, Thiago Kramer de. *Ruralidade na 'Terra da Conquista: ambientes rurais luso-americanos no centro da América do Sul (1716-1750)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2008.

⁶¹ Ver GARCIA, Romyr C. *Mato Grosso (1800-1840). Crise estagnação do projeto colonial*. Tese (Doutorado em História), PPGHE, FFLCH, USP, São Paulo, 2003. Aproximando-se das abordagens nessa aérea ver RODRIGUES, Nathália M. D. *A Companhia Geral de Comércio do Grão Pará e Maranhão e os homens de negócio de Vila Bela (1752-1778)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2008.

⁶² ZAGO, Lisandra. *Etnoistória Bororo: Contatos, Alianças e Conflitos (Séculos XVIII e XIX)*. Dissertação (Mestrado em História). PPGH, UFMS, Dourados, 2005. MAGALHÃES, Magna Lima. *Payaguá: os senhores do rio Paraguai*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UNISINOS, Porto Alegre, 1999. CARVALHO, Francismar A. L. de. *Lealdades negociadas: povos indígenas e a expansão dos impérios ibéricos nas regiões centrais da América do Sul (segunda metade do século XVIII)*. Tese (Doutorado em História), PPGH, USP, São Paulo, 2012.

⁶³ PRESSOTTI, Thereza Martha B. *O novo descobrimento dos sertões e Minas do Cuiabá. A mentalidade da conquista*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UNB, Distrito Federal, 1996.

⁶⁴ PRESSOTTI, Thereza Martha. *Nas Trilhas das Águas*. Cit.

trado, discutiu as imagens dos índios Pareci⁶⁵. Assunto que reaparece em sua tese de doutorado. Na tese, a autora fundamentada nos conceitos de paisagem, representação e espaço procurou compreender a construção das múltiplas imagens da cultura, da natureza e da paisagem descritas pelo governador e capitão-general Antonio Rolim de Moura⁶⁶.

Por sua vez, ao discutir incorporação dos povos indígenas na sociedade, Alessandra Blau analisou a política de povoamento adotada na capitania de Mato Grosso⁶⁷. Apesar de não tratar dessa política e nem de questão indígena, Divino Marcos de Sena discutiu a presença dos agregados em Mato Grosso, entre os anos de 1808 e 1850. O autor teve como base dois mapas populacionais riquíssimos: o Mapa de População do Distrito de Serra Acima (1809) e o Mapa de População da freguesia de Nossa Senhora de Brotas (1838) que possibilitam analisar a composição populacional dessas duas localidades⁶⁸.

No que tange os trabalhos ligados a uma história política-administrativa estão às pesquisas que temos desenvolvido desde a defesa da tese de doutorado em 2006. Nela analisamos o processo de instalação do aparato administrativo régio e local na fronteira oeste, entre os anos de 1719 e 1778, bem como os conflitos de jurisdições entre as autoridades e entre as duas vilas da capitania de Mato Grosso. Dividida em duas partes e constituída por onze capítulos, procuramos evidenciar que os conflitos, em especial a rivalidade entre a Vila Real do Cuiabá e Vila Bela em torno da capitalidade, foram resultantes do processo de instalação dos poderes na fronteira oeste da América portuguesa. Na primeira parte discutimos a criação da ouvidoria, da câmara e da superintendência, abordando como o estabelecimento dessas instituições foi marcado por conflitos jurisdicionais entre os detentores dos cargos e principais da terra. Na segunda, optamos por nos dedicar a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela por causa da sede da capitania. As duas vilas e seus respectivos distritos, o Cuiabá e o Mato Grosso, polarizaram as disputas pelo poder⁶⁹.

Abordamos essas disputas entre as vilas a partir da análise das suas câmaras municipais. Tratamos das rendas e das despesas, das ações dessas instituições e das suas respectivas composições. E foi nesse percurso que constatamos que a rivalidade

⁶⁵ CANOVA, Loiva. *Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757)*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2003.

⁶⁶ CANOVA, Loiva. *Antônio Rolim de Moura e as representações da paisagem no interior da colônia portuguesa na América (1751-1764)*. Tese (Doutorado em História). PPGH, UFPR, Curitiba, 2011. A respeito da administração do governador Antonio Rolim de Moura ver também FIGUEIREDO, Israel de Faria. *Rolim de Moura e a escravidão em Mato Grosso: preconceito e violência (1751-1765)*. *Revista Territórios e Fronteiras*, UFMT, v. 2, n. 2, jul./dez. 2001.

⁶⁷ BLAU, Alessandra R. *O ouro vermelho e a política de povoamento na Capitania de Mato Grosso: 1752- 1798*. Dissertação de Mestrado em História, PPGH, UFMT, Cuiabá, 2007.

⁶⁸ SENA, Divino Marcos de. *Camaradas: livres e pobres em Mato Grosso (1808-1850)*. Dissertação (Mestrado em História). UFGD, Dourados, 2010.

⁶⁹ JESUS, Nauk Maria. *Na trama dos conflitos: A administração na fronteira oeste da América portuguesa (1719-1778)*. Tese (Doutorado em História), PPGH, UFF, Niterói, 2006.

entre Cuiabá e Vila Bela passava pelos privilégios concedidos a vila-capital, pela prática de contrabando e pela conversão das rendas do julgado de São Pedro D'El Rei (atual Poconé) para a câmara de Vila Bela, na década de 1780. Essa parte da tese foi recentemente publicada em forma de livro com o título de *O governo local na fronteira oeste*⁷⁰.

No estudo da implantação e da criação do aparato administrativo na fronteira oeste da América portuguesa temos nos apoiado na noção de redes de poder, buscando na medida do possível os vínculos dos homens que ocuparam os cargos com o universo mercantil⁷¹. Nessa direção, a análise do caso da troca do ouro pelo chumbo, durante o governo de Rodrigo César de Menezes, nos permitiu vislumbrar a inserção da pequena Vila Real do Cuiabá a uma grande rede de poder⁷². Essa perspectiva de análise tem contribuído para a compreensão do aparelhamento administrativo da fronteira, do contrabando, dos conflitos e das elites estabelecidas na região e das suas relações com o comércio.

No eixo de uma história política-administrativa⁷³, em especial da administração da justiça, Gustavo Balbuena de Almeida analisou o juizado de fora na capitania de Mato Grosso e trouxe à tona informações sobre as funções dos ocupantes desse cargo e quem eram eles⁷⁴. Nesse grupo de discussão inserimos a bem elaborada dissertação de André Nicácio de Lima que analisou a formação do oeste brasileiro, isto é, Goiás e Mato Grosso, do início do século XVIII até a independência. Dos seus cinco capítulos, destacamos o último, “A revolução a centenas de léguas do Atlântico”, em que tratou da formação das juntas governativas na capitania de Mato Grosso e como esta se encontrava às vésperas da independência⁷⁵.

⁷⁰ JESUS, Nauk Maria de. *O governo local na fronteira oeste: a rivalidade entre Cuiabá e Vila Bela no século XVIII*. Dourados: Editora da UFGD, 2011.

⁷¹ Sobre as noções de rede ver GOUVÊA, Maria de Fátima. “Redes governativas portuguesas e centralidades régias no mundo português, c. 1680-1730”. In: FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *Na trama das redes. Política e negócio no império português, séculos XVI –XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

⁷² JESUS, Nauk Maria de. “As versões do ouro em chumbo: a elite imperial e o descaminho de ouro na fronteira oeste da América portuguesa (1722-1728)”. In: FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *Na trama das redes. Política e negócio no império português, séculos XVI –XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

⁷³ Ver FERNANDES, Luis H. M. *Minas do Cuiabá, ilha dos sertões: considerações sobre o papel da metrópole na expansão dos domínios portugueses na América (1721-1728)*. Dissertação (Mestrado em História), UNESP/Assis, 2011. CHAVES, Otávio R. *Política de povoamento e a constituição da fronteira oeste do império português: a Capitania de Mato Grosso na segunda metade do século XVIII*. Tese (Doutorado em História), PPGH, UFPR, Curitiba, 2008.

⁷⁴ ALMEIDA, Gustavo B. de. *Os juízes de fora e os conflitos de jurisdições na Capitania de Mato Grosso*. Dissertação (Mestrado em História). PPGH, UFGD, Dourados, 2012. Sobre a administração da justiça JESUS, Nauk Maria de. A administração da justiça: ouvidores e regentes na fronteira oeste da América portuguesa. In: FERREIRA, Roberto Guedes Ferreira. (Org.). *Dinâmica Imperial no Antigo Regime português: escravidão, governos, fronteira, poderes, legados*. Rio de Janeiro: Maud X, 2011.

⁷⁵ LIMA, André Nicácio. *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso*. Dissertação (Mestrado em História Social), PPGH, USP, São Paulo, 2011. A respeito da década de 1820 consultar ROSA, Carlos Alberto. *O processo da independência em Mato Grosso e a*

Por fim, a produção bibliográfica, os manuscritos e as fontes impressas têm sido importantes para as publicações, como a do *Dicionário de História de Mato Grosso – período de colonial e Histórias coloniais em áreas de fronteiras: índios, jesuítas e colonos*⁷⁶, que contam com pesquisadores de diferentes estados brasileiros e objetivam tornar público os trabalhos desenvolvidos.

E para não dizer que não falei das fontes...

Focarei brevemente a documentação do período colonial guardado no Arquivo Público de Mato Grosso, localizado na cidade de Cuiabá. Esse material, entre os anos de 2008 e 2009, passou por um novo arranjo sob a coordenação da Gerência de Documentos Escritos dessa instituição. Com a conclusão desse trabalho foi constatado que o Arquivo tem sob sua guarda 18.607 documentos, atualmente distribuídos em 15 fundos arquivísticos e duas coleções, como se nota no quadro abaixo.

TOTALIZADOR		
FUNDOS/COLEÇÕES	NUMERO DE DOCUMENTOS	NÚMERO DE CAIXAS
Secretaria de Governo	4915	86
Coleção Sesmarias	698	12
Câmara da Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá	1183	20
Câmara da Vila Bela da Santíssima Trindade	582	10
Câmara Diamantino	16	01
Igrejas e Capelas	187	03
Coleção Documentos Avulsos	259	04
Provedoria da Real Fazenda e Intendência do Ouro	1326	24
Ouvidoria	502	09
Juízo e Provedoria dos Órfãos, Defuntos, Ausentes, Resíduos e Capela	410	26
Hospital S. J. Lázarus	6	01
Santa Casa de Misericórdia	2	01

hegemonia Cuiabana. Cuiabá, MT: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 1976 e SOARES, Maria do Socorro. *O Governo Provisório-MT e a questão da anexação da Província de Chiquitos ao Império brasileiro (1821-1825)*. Dissertação (Mestrado em História). PPGH, UFMT, Cuiabá, 2003.

⁷⁶ JESUS, Nauk Maria de. *Dicionário de História de Mato Grosso – período colonial*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011. ANZAI, Leny C. e MARTINS, Maria C. B. *Histórias coloniais em áreas de fronteiras: índios, jesuítas e colonos*. 1. ed. São Leopoldo - RS/ Cuiabá - MT: EdUFMT; Unisinos; Oikos, 2008.

Quartel Militar	5933	78
Real Forte Príncipe da Beira	927	17
Forte de Coimbra	1302	15
Forte de Nossa Sr ^a da Conceição	165	02
Presídio de Miranda	194	03
TOTAL =	18607	312

Fonte: GUIA de fundos e coleções do Arquivo Público de Mato Grosso: Período colonial (1713-1822) (Coordenação Geral: JESUS, Nauk Maria de. Supervisão: NETA, Candelária G.; SILVA, Vanda da; TERUYA JUNIOR, Hilário; SUZUKI, Yumiko). Cuiabá: Superintendência de Arquivo Público, 2010.

Nesse conjunto documental há material inédito e ele pode ser acessado no Arquivo Público por meio da pesquisa feita com palavras-chaves pelo SIGAP (Sistema Integrado de Gestão de Arquivo Público), que permitiu a informatização dos dados documentais.

Portanto, como afirmamos em diferentes momentos deste texto, muitos temas merecem ser analisados e o acervo local⁷⁷ existente na cidade de Cuiabá é rico e conta com documentos inéditos que permitem estudar a história de Mato Grosso colonial.

Considerações gerais

Após a apresentação desse panorama, podemos dizer que dispomos de um interessante universo bibliográfico e fontes a respeito da história de Mato Grosso colonial. Apesar de muitos temas carecerem de maiores pesquisas ou de análises mais sofisticadas, a história e a historiografia mato-grossense sobre esse período estão consolidadas e não estão restritas a um nicho acadêmico. Isto, devido à expansão dos Programas de Pós-Graduação no Brasil, embora na Universidade Federal de Mato Grosso, nas últimas décadas, a produção a respeito seja dominante.

Os temas de pesquisas foram ampliados, mas a documentação administrativa prevalece nos estudos. Os trabalhos passaram a ter recortes geográficos menores, pois ao invés de abordarem a capitania como um todo, privilegiaram um distrito, uma vila, uma povoação ou uma edificação militar. Os marcos cronológicos também foram reduzidos, escapando da longa duração. Como dito anteriormente, esses recortes permi-

⁷⁷ Além do Arquivo Público, na cidade de Cuiabá, a Casa Barão de Melgaço e o Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional/UFMT possuem sob sua guarda documentos relativos ao período colonial. Disponível nessas instituições está o material microfilmado e digitalizado da Cúria Metropolitana de Cuiabá, que possui documentos referentes ao século XVIII, como, por exemplo, os registros de batismos. Sobre este material ver SIQUEIRA, Elisabeth Madureira; PERARO, Maria Adenir e MORAES, Sibe de. *Memória da Igreja em Mato Grosso: O Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá (1756-1956)*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

tiram fugir das generalizações e de certa ideia de homogeneidade política e econômica existente na capitania.

Na produção recente predominam os temas relacionados à urbanização e às práticas cotidianas, enquanto que os relativos à escravidão negra e a questão indígena são reduzidos, o que evidencia a necessidade de pesquisas a respeito. Do mesmo modo, em parte das dissertações de mestrado as articulações com as análises sobre a dinâmica imperial portuguesa, as noções de redes, as conexões e as relações entre o poder central e o poder local são secundárias, quando não inexistentes, assim como as comparações com outras capitanias⁷⁸. Observamos que esses diálogos são muito bem-vindos, pois permitirão compreender o que distingue e aproxima a capitania de Mato Grosso de outras localidades, bem como a sua importância no conjunto do Império português.

⁷⁸ Constatação sobre a incorporação dessas noções nos trabalhos sobre Minas Gerais foram feitas por Junia Ferreira Furtado em obra já mencionada. Sobre os conceitos ver BICALHO, Maria Fernanda B., op.cit., 2009.